

Linguagem, regra e comportamento no segundo Wittgenstein

João Henrique Lima Almeida¹

RESUMO

No II Wittgenstein, a Lógica deixa de se resolver na relação entre pensamento e linguagem e passa a se apoiar na própria prática linguística. Mantém-se como irrelevante o apelo a acontecimentos psíquicos para considerações lógicas, uma vez que estas são agora considerações gramaticais: concernem às regras que presidem a linguagem. Essas regras independem do pensamento enquanto algo que subjaz a linguagem. Nesse sentido, cada contexto gramatical, isto é, cada jogo de linguagem, é um protótipo para um modo de pensar. Ao considerar que a própria prática linguística realiza a lógica, o comportamento passa a assumir protagonismo: tanto o comportamento primitivo (pré-linguístico), que constitui a rocha matriz da gramática e o meio de apresentação do anímico, quanto o comportamento, que ganha estatuto simbólico e passa a funcionar como exteriorização do anímico em jogos de linguagem.

PALAVRAS-CHAVE

Wittgenstein; Comportamento; Gramática.

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4065838357233650>. E-mail: joaohlalmeida@gmail.com.

Language, rule and behavior in the second Wittgenstein

ABSTRACT

In the II Wittgenstein, logic is no longer resolved in the relation between language and thought, starting to rely on linguistic practice itself. The appeal to psychical occurrences in logical considerations remains irrelevant, since these are now grammatical considerations: it concerns to the rules that presides language. These rules are independent of the thought, as something underlying language. In this sense, each grammatical context, that is, each language-game, is a prototype for a way of thinking. When considering that linguistic practice itself carries out logic, behavior takes on a leading role: both primitive, pre-linguistic behavior, which constitutes the bedrock of grammar and the means of presentation of mental; as well as the behavior, which gains symbolic status, starts to function as utterances of mental in language games.

KEYWORDS

Wittgenstein; Behavior; Grammar.

Recebido: 27/12/2022

Aceito: 29/12/2022

Publicado: 31/05/2023

Considerações iniciais

A estrutura comum, fixa e transcendental que salvaguarda o antipsicologismo no primeiro Wittgenstein ganha relatividade na sua segunda filosofia, quando a Lógica passa a ser concebida como fruto de práticas linguísticas. Não significa dizer que a necessidade passa a ser uma generalização de acontecimentos empíricos, o que seria outro tipo de psicologismo, mas que as práticas humanas instituem regras que normatizam nosso falar sobre o mundo. O conjunto dessas regras, a Gramática, compõe a linguagem em seu segundo pensamento. Essa concepção de linguagem deixa de ter como centro proposições declarativas verificacionais – como no *Tractatus logico-philosophicus* (TLP) – e passa a ter seu funcionamento comparado a um conjunto de jogos regulados de maneira mais ou menos implícita. Os jogos de linguagem, que se enraízam em comportamentos primitivos sem se limitar a eles, são protótipos para um modo de pensar.² Nesse sentido, permanece uma certa coordenação entre pensamento e linguagem, ainda que não seja necessária uma estrutura isomórfica entre eles.

Mas o que garante o funcionamento das regras de um jogo de linguagem? Basta pensar que se está seguindo? É necessário que o sujeito represente a regra para si? É possível que se formule *por conta própria* a expressão linguística de uma sensação, como parece querer o psicologismo sensualista? Na passagem das *Investigações filosóficas* (IF), que se convencionou chamar Argumento da Linguagem Privada, Wittgenstein refletirá acerca dessas questões. O deslocamento do *mental* para o *prático* na reflexão sobre a harmonia entre pensamento e linguagem faz ver como tem pouco sentido atribuir aos atos psíquicos condição necessária para tal vínculo. Faz ver também como a *prática cuida de si* e o próprio seguimento, muitas vezes cego,³ das regras pode garantir tal harmonia e a inserção de alguém em jogos de linguagem.

Se não aprendemos a falar dos nossos caracteres psicológicos a partir da introspecção, é de se perguntar como se origina a gramática psicológica. Está claro que o “como se origina” não é uma questão filosófica, mas empírica. Não cabe a Wittgenstein versar sobre o provável, mas sobre o possível e o impossível de um ponto de vista lógico, ou melhor, o sentido e o contrassenso.

A linguagem nas *Investigações filosóficas*

² *Remarks on the philosophy of psychology* I § 916.

³ Cf. *Philosophische Untersuchungen* § 219.

A crítica das noções tradicionais de linguagem realizada por Wittgenstein nas IF tem como um de seus alvos a concepção de linguagem do TLP (WITTGENSTEIN, 2001). Tais noções são expressas em citações tanto de Agostinho – que concebia a linguagem como designação, sendo ensinada por meio de atos ostensivos, como ao apontar um objeto ao mesmo tempo em que se emite seu nome – como de Platão – que apresenta a noção de que o nome não pode nomear o composto, mas sim o *simples*, que Wittgenstein diz ser similar aos *objetos* do TLP. Todas essas noções são referencialistas: a linguagem, de um modo ou de outro, possui objetos referenciais no mundo.

No TLP, há um atomismo lógico no qual proposições são unidades que possuem efeito de apresentar ou declarar determinado estado de coisas, que é a concatenação de objetos indiscerníveis. A imagem tractariana da relação entre linguagem e mundo perde seu monopólio e ganha relatividade quando Wittgenstein passa a rejeitar que a linguagem se resuma a proposições declarativas. Quando retorna à Filosofia após um hiato, Wittgenstein confere maior ênfase à práxis linguística, tornando cabível analisar alguns dos usos linguísticos primitivos. É nesse sentido de “uso primitivo da linguagem” que Wittgenstein irá considerar o ato ostensivo de apontar e nomear. Agostinho compreende esses atos como o fundamento da linguagem, enquanto Wittgenstein irá considerar apenas uma das atividades linguísticas possíveis, como ocorre nos “jogos por meio dos quais as crianças aprendem sua língua nativa”.⁴ É nesse contexto que Wittgenstein (2009) insere, nas *Investigações filosóficas* (IF), a noção de *jogos de linguagem*. Os usos linguísticos primitivos podem ser compreendidos como variados jogos de linguagem, o que aponta para a impossibilidade de se tomar a linguagem como redutível a uma função específica, como as proposições declarativas do TLP.

A palavra ‘jogo’ não aparece aqui por acaso. A principal alegoria para a linguagem nas IF é precisamente o xadrez: palavras podem ser agrupadas de acordo com o objetivo que se queira, como peças de xadrez, e seu emprego depende do domínio de determinadas *regras*.⁵ Se eu caminho para a frente com o bispo ou se eu digo “Leite-me açúcar”, isso só pode significar que eu não domino as regras que envolvem o uso da peça ou das palavras, ou então estou jogando um jogo diferente daquele que usualmente se joga.

Se cada palavra pode participar de diferentes jogos de linguagem, cada um deles estruturado de maneira distinta (como as diferentes estruturas de uma pergunta e de uma ordem),

⁴ *Philosophische Untersuchungen* § 7.

⁵ Cf. IF § 31-49.

é de se esperar que Wittgenstein mantenha a noção tractariana de que uma palavra só possui significado no interior de um contexto. Ao contrário da concepção agostiniana, esse significado não é o que a palavra substitui, ou o portador de um nome, mas sim seu uso, sua aplicação. Uma das formas de explicar o significado de uma palavra pode ser apontar para seu portador, mas não a única.⁶ A ênfase no uso retira uma certa fixidez presente no TLP: antes, uma palavra continha *a priori* todas as possibilidades de combinação; agora, uma palavra toma parte em diferentes jogos que podem muito bem se tornar obsoletos, assim como novos jogos podem ser criados.

Enfatizar o uso possui ainda outra consequência: o contexto que determina o significado de uma palavra é não mais o mero contexto proposicional, mas também as ações envolvidas em sua aplicação. É nesse sentido que o ato de emitir uma palavra e apontar para algo pode ser uma ação no jogo de explicar seu significado, como quis Agostinho, mas pode do mesmo modo ser uma ação no jogo de solicitar objetos. Isso porque o próprio ato de apontar não é em si autoexplicativo: quando feito com sentido, ele já é um movimento na linguagem.

Sabemos que a descrição de objetos, bem como a explicação de um significado, pode ser feita, dentre outras maneiras, com ajuda de atos ostensivos. A advertência de Wittgenstein é que a ostensão só pode funcionar numa descrição após uma atribuição prévia de nomes a objetos. Portanto, evitaremos confundir o processo de significação com o modelo nome-objeto da nomeação, tendo em vista que o segundo, ao contrário do primeiro, equivale meramente a posicionar as peças no tabuleiro. Ou seja, nomear, como posicionar peças, é um pressuposto para que joguemos um jogo, que apliquemos regras de acordo com as peças, mas não é ainda um movimento nesse jogo.

[...] Nomear ainda não é um movimento em um jogo de linguagem – não mais do que colocar uma peça em seu lugar no tabuleiro é um movimento no xadrez. Pode-se dizer: com o mero nomear de uma coisa, *nada* ainda foi feito. Nem ela *possui* um nome a não ser em um jogo. Isso foi o que Frege também quis dizer quando falou que uma palavra possui significado apenas no contexto de uma sentença.⁷

Um objeto, ao ser nomeado, não está a ser descrito. Na verdade, como se posicionado nos limites da linguagem, ele opera como um *meio de apresentação*.⁸ Um exemplo dado por Wittgenstein é o da peça de metal que servia como o metro-padrão e se localizava em Paris. Tal peça passa a ser um instrumento da linguagem que organiza os atos de medir e os enunciados

⁶ IF § 43.

⁷ IF § 49b.

⁸ IF § 50.

de medida, isto é, a peça passar a ser o meio pelo qual um modelo de descrição é apresentado. Curiosamente, dela não se pode dizer possuir 1 metro, e tampouco não possuir: esse é o seu peculiar papel de amostra do mundo incorporada na linguagem.

Segundo essa lógica, aplicamos palavras, sinais ou sentenças de acordo com regras que aprendemos quando nos ensinam uma linguagem. A incorporação linguística de amostras do mundo como meios de apresentação, em associação com as regras de aplicação, permite o funcionamento dos jogos de linguagem. Esses jogos não se caracterizam por abstrações linguísticas, mas pelo próprio contexto efetivo das atividades simbólicas. Tal contexto determina o significado das enunciações, que não pode mais ser dado inteiramente *a priori*, mas sim na medida do desenvolvimento das ações humanas e para além do modelo representacional linguagem-mundo. Se pensamos assim, formas proposicionais antes consideradas vazias de sentido, como fazer uma pergunta, dar uma ordem ou relatar uma dor, podem compor agora jogos de linguagem válidos e que caracterizam a forma como vivemos.

Pode-se facilmente imaginar uma linguagem que consiste apenas em ordens e informes numa batalha. – Ou uma linguagem que consiste apenas em questões e uma expressão de afirmação e negação. E incontáveis outras coisas. – E imaginar uma linguagem quer dizer imaginar uma forma de vida.⁹

Mas quantos tipos de sentença existem? Asserção, questão e comando? – Há *incontáveis* tipos; incontáveis tipos diferentes de uso de todas as coisas que chamamos “signos”, “palavras”, “proposições”. E essa diversidade não é algo fixo, dado de uma vez por todas; mas novos tipos de linguagem, novos jogos de linguagem, como podemos dizer, passam a existir. [...] A palavra “jogo de linguagem” é usada aqui para enfatizar o fato de que o falar da linguagem é parte de uma atividade, de uma forma de vida. [...].¹⁰

A continuidade dessa seção 23 é emblemática: Wittgenstein ilustra a variedade de jogos de linguagem em uma lista de exemplos, todos iniciados por um verbo de ação: descrever, relatar, especular, adivinhar, traduzir, agradecer, amaldiçoar, cumprimentar etc. Tal passagem ressalta a relação interna entre ação humana e emprego linguístico, que constitui nossa forma de vida. Isso quer dizer que existe um vínculo necessário entre nossa linguagem e o modo como vivemos: o primeiro se realiza sob o pano de fundo do segundo.

A expressão “forma de vida” (*Lebensform*) aparece poucas vezes na obra Wittgensteiniana, mas quando aparece, cumpre a função de reiterar a relação interna existente entre linguagem e atividade. Uma linguagem nasce numa forma de vida específica e não se desenvolve senão em sua companhia. E compõem uma forma de vida determinada comunidade

⁹ IF § 19a.

¹⁰ IF § 23.

verbal e um conjunto de fatos muito gerais da natureza. Esses são pressupostos no aprendizado de uma linguagem. Dominar uma linguagem, portanto, não se resume a aprender a empregar sinais para descrever o mundo. Muito além disso, envolve a aquisição de regras que passam a orientar a ação humana. A linguagem não poderá mais, à moda tractariana, ser considerada como um conjunto de proposições. Mais próxima está de ser um conjunto muito mais variado de atividades normativas. É precisamente nesse sentido que Wittgenstein pode caracterizar suas investigações como gramaticais: elas passam a concernir à capacidade linguística de normatização dos atos humanos.

A função reguladora da linguagem, que pode muito bem ser chamada de *gramática*, determina o sentido das expressões e por isso modifica uma forma de vida ao mesmo tempo em que se funda nela. Para tanto, ela precisa associar elementos da vida a conceitos sob o caráter de necessidade. É nesse sentido que expressões como “ $2 + 2 = 4$ ”, “solteiros não são casados” e “sensações são privadas” podem ser compreendidas como convenções que determinam a aplicação dos conceitos ao invés de serem tomadas como verdades eternas. Tais expressões ainda não nos informam sobre o mundo devido ao seu caráter tautológico. Elas regulam o uso de conceitos, sendo por isso regras gramaticais.

A natureza convencional da gramática¹¹ é motivo pelo qual podemos lhe atribuir autonomia. Ou seja, para a realização de uma investigação gramatical, não se requer incluir os elementos empíricos causadores da implantação das regras, uma vez que a gramática é organizada logicamente e nada – ou pouquíssimo – diz sobre a experiência: ela unicamente oferece os instrumentos para efetuar certas operações no mundo.

Isso não significa que tudo na linguagem está claro como água. A superfície das estruturas proposicionais, que parece ser o sentido mais ordinário no qual os linguistas tomam o termo ‘gramática’, oferece imagens equivocadas da relação entre linguagem e mundo, o que Wittgenstein irá chamar de *ficções gramaticais*.¹² Sob essa caracterização cairá o modelo de sensação como objeto, induzido pela aplicação do verbo *ter* a sensações; a impressão de que “saber algo” é um processo mental;¹³ e a imagem de um interior humano separado empírica e

¹¹ Tanto Michael Forster (2017) quanto Jacques Bouveresse (1987) rejeitam uma leitura de convencionalismo “puro e simples” ou “voluntarista” em Wittgenstein, como feita por Michael Dummett (1994). Segundo Forster, amparado em Wittgenstein, a volição individual no uso da gramática inclui restrições nos âmbitos: i. da natureza humana geral; ii. da cultura e tradição; iii. das regularidades empíricas. Ainda segundo Forster, há inclusive razões para propor que determinados princípios gramaticais sejam preferíveis a outros justamente devido a uma maior coerência com regularidades empíricas e, portanto, seriam mais justificáveis.

¹² Cf. IF § 307.

¹³ IF § 154.

logicamente do exterior. Essas ficções não serão controvertidas por uma investigação experimental no mundo, mas por um olhar mais atento às regras que orientam o uso linguístico.

No uso de palavras, se pode distinguir ‘gramática superficial’ de ‘gramática profunda’. O que imediatamente se imprime em nós sobre o uso de uma palavra é o modo pelo qual ela é usada na *estrutura sentencial*, o papel do seu uso – pode-se dizer – que pode ser tomado pelo ouvido. – E agora compare a gramática profunda do verbo “querer dizer”, com o que sua gramática superficial nos levaria a presumir. Não é de se admirar que seja difícil saber o caminho.¹⁴

As ficções estão atadas na linguagem como *nós* e para desatá-las devemos percorrer o mesmo caminho que originou seu enlace. Isso envolve investigar o que Wittgenstein chamou acima de “gramática profunda”, isto é, as regras concernidas pelos diversos jogos de linguagem nos quais um termo pode ser empregado. Descobertas empíricas podem introduzir novos jogos de linguagem, podem até fazer da exceção regra em um jogo específico, mas não podem controverter, como prova de refutação, os jogos já estabelecidos.

Como já sinalizado, muitas dessas ficções envolveram o modo como falamos sobre sensações, sejam elas exteroceptivas – como a “sensação de vermelho” – sejam elas interoceptivas – como a dor. Essas ficções levaram à compreensão das sensações como um tipo de linguagem primitiva, sendo possível elaborarmos signos para nos referir a nossas sensações que seriam indecifráveis a terceiros. A passagem das IF na qual Wittgenstein enfatiza essa discussão ficou conhecida como *Argumento da Linguagem Privada* (ALP) e ela é precedida por um conjunto de reflexões sobre o que é seguir uma regra. Esse grupo de seções será discutido no tópico a seguir.

Gramática, regra e linguagem privada

Na leitura do segundo pensamento de Wittgenstein, somos constantemente tentados a inferir de suas breves observações uma teoria da linguagem. Frente a essa tentação, devemos retomar suas advertências de que a Filosofia não interfere no nosso uso da linguagem, ela apenas o descreve. Ela não explica, deduz ou justifica nada, ela deixa tudo como está.¹⁵ Os métodos de Wittgenstein, que são diferentes terapias,¹⁶ vão justamente no sentido de dissolver os problemas causados pela tentativa de se estabelecer uma teoria filosófica da linguagem.

¹⁴ IF § 664.

¹⁵ IF § 124-6.

¹⁶ IF § 134d.

Esses problemas são como que feitiços do nosso entendimento, e se a filosofia luta contra eles, não é para invocar um novo feitiço em seu lugar.¹⁷ Apesar de essas teorias fazerem algum sentido (como a noção de ensino ostensivo de Agostinho e a noção de proposição no TLP) elas só o fazem para uma parcela muito restrita da linguagem e nem de longe a esgotam.

Mas mesmo com essas advertências contidas no texto Wittgensteiniano, a tentação pode persistir devido ao seu caráter dialético de exposição: os pensamentos expostos nas IF costumam aparecer em idas e vindas e em meio a muitas vozes conflitantes. Como num diálogo socrático, mas sem a delimitação explícita de personagens. É costumeiro tomar uma dessas vozes como sendo a voz do próprio Wittgenstein, e é dessa voz que se extraem teses de seu pensamento. Contudo, comentadores como David G. Stern (2004) insistem que a dialética das IF não permite a defesa pacífica de uma das vozes como sendo a voz do próprio autor.

Essas considerações não são de pouca relevância para as seções que examinaremos a seguir. Elas nos advertem que os jogos de linguagem que citamos acima não são “estudos preliminares para uma futura arregimentação da linguagem”, como seria um estudo científico, mas funcionam como “objetos de comparação que, através de similaridades e dissimilaridades, tencionam jogar luz sobre as características de nossa linguagem”.¹⁸ Por conta disso, não podemos saltar para a afirmação de que “a vida é como um jogo de xadrez”, nem achar que as regras que aprendemos podem ser aplicadas sem margem para a dúvida.

As passagens das IF que precedem o ALP conduziram a um paradoxo:

[...] nenhum curso de ação pode ser determinado por uma regra, porque todo curso de ação pode ser trazido em acordo com a regra. A resposta foi: se todo curso de ação pode ser trazido em acordo com a regra, então pode também ser trazido em conflito com ela. E então não haveria acordo nem conflito aqui.¹⁹

Há um conjunto de teses filosóficas que pretende fixar o significado de uma regra de modo que haja sempre certeza se ela foi ou não seguida. Essas teses aparecem nas IF sob a voz de um interlocutor, frequentemente entre aspas, que Stern se referiu como “voz da tentação”. Mas como esse significado pode ser fixado?

¹⁷ IF § 109.

¹⁸ IF § 130.

¹⁹ IF § 201a.

Imagine que se ensina a uma criança analfabeta a ler e ela, pela primeira vez, enuncia o som que convencionalmente corresponde a uma palavra: enuncia, por exemplo, “casa” após ver os caracteres “c-a-s-a”. Isso é o suficiente para se dizer que ela leu? Que seguiu a regra? Se se digita “casa” no computador e clica-se em “ouvir”, pode-se dizer que o computador leu? Não podemos também apenas passar o olho pelos caracteres e emitir sons que, por engano, correspondem àqueles caracteres em determinada linguagem? Alegadamente, há um meio de se atestar que a pessoa leu, ou seguiu uma regra, e é a existência de um “sentimento característico” para a leitura. Suponhamos que uma pessoa lê uma frase com todos esses “sentimentos característicos” da leitura, e ao final ela descobre que algumas das letras estavam trocadas, de modo que foram formadas palavras que não existiam. Ela leu?

Esse exemplo é um expediente característico dos métodos Wittgensteinianos. As passagens que ele trata de “o que é compreender?”, “o que é ler?” ou “o que é seguir uma regra?” nas IF vão justamente no sentido de mostrar que, apesar de poderem existir “sentimentos característicos” da leitura ou da compreensão, eles não podem ser tomados como uma essência que fixa seu significado, uma vez que sempre podem haver atos que chamamos de “leitura” e dispensam esse sentimento característico, bem como esse sentimento característico pode ser sentido em ocasiões que não chamaríamos de leitura – o mesmo se aplica ao que chamamos de “compreender”.²⁰

Outro suposto modo de fixar o significado de uma regra é ao traduzi-la numa fórmula algébrica. Observamos alguém seguindo uma sequência de números em voz alta: “3, 6, 9, 12...” e deduzimos que ela segue a fórmula $a_n = 3n$. Isso determinaria que seu próximo passo fosse “15” e não “1995”?

Objetar que a regra possa possuir uma essência subjetiva ou uma formulação algébrica objetiva que determina todos os passos futuros como trilhos lançados ao infinito, não leva Wittgenstein a adotar um ceticismo pirrônico, que atestaria a impossibilidade de conhecer, ou de ler, ou de seguir uma regra. De que uma regra, tal qual uma definição ostensiva, possa ser “diversamente interpretada em qualquer caso”, não decorre que paralisemos a cada momento que aplicaríamos uma regra por não sabermos como proceder.

Na atividade filosófica wittgensteiniana, paradoxos não são resolvidos, mas são dissolvidos. Nós não são fatiados, mas sim desatados. A própria compreensão de que seguir uma regra é fazer uma interpretação já é uma ficção que desemboca naquele pirronismo.

²⁰ Cf. IF § 160.

Que haja um mal-entendido aqui, se mostra pelo mero fato que nessa cadeia de raciocínio colocamos uma interpretação atrás da outra, como se cada uma nos contentasse por um momento até que pensássemos noutra residindo por trás dela. O que mostramos é que há um modo de captar uma regra que *não* é uma interpretação, mas que, de caso a caso da aplicação, se manifesta no que chamamos de “seguir uma regra” e “ir contra ela”.²¹

É por isso que ‘seguir uma regra’ é uma prática. E *pensar* que se está seguindo uma regra não é seguir uma regra. E é por isso que não é possível seguir uma regra ‘privadamente’; de outro modo, pensar que se segue uma regra seria o mesmo que segui-la.²²

Quando sigo uma regra, não escolho.
Sigo a regra *cegamente*.²³

Seguir uma regra, portanto, não exige uma interpretação, uma inferência ou uma dedução. Seguimos regras cegamente porque elas se instituem em uma forma de vida compartilhada, onde existem um conjunto de regularidades naturais que passam despercebidas por conta de sua grande generalidade.²⁴ Se as cores dos objetos fossem tão voláteis quanto seus odores, se os bebês não tivessem expressões naturais para a fome, nossos jogos de linguagem seriam diferentes. Para retomar o exemplo da leitura, não faz sentido definir a essência dessa atividade como um sentimento característico, se aprendemos a dizer que uma pessoa leu por conta de critérios comportamentais que seriam diferentes a cada circunstância.²⁵ Parafrazeando Stern (2004), poderíamos dizer que a análise gramatical dá errado precisamente quando se tenta compreender as regras fora dos contextos particulares nos quais são usadas.

Exploremos um pouco mais aquela frase em que Wittgenstein declara não ser possível seguir uma regra privadamente. Não é verdade que se possa falar consigo mesmo, pode-se fazer uma pergunta e a pessoa mesmo responder, pode dar-se uma ordem e segui-la sem que nenhuma outra pessoa saiba? Parece não ser essa a noção de privacidade que Wittgenstein objetará, mas sim aquela explorada no assim chamado *Argumento da Linguagem Privada* (ALP). Nele, Wittgenstein nos defrontará com a comum concepção de que temos um acesso direto a objetos psicológicos; tão diretos que alguém possa passar a se referir a eles numa linguagem inventada e que ninguém poderá decifrar. Sendo assim, pode-se também fazer uma meditação na qual se porá todo o “mundo exterior” em dúvida e utilizar como alicerce para o conhecimento nada mais que aquilo que se acessa diretamente no espírito. Estaríamos tomando aqui caracteres

²¹ IF § 201b.

²² IF § 202.

²³ IF § 219c.

²⁴ Cf. IF § 142.

²⁵ IF § 157-64.

psicológicos, como as sensações, enquanto objetos independentes e com critérios independentes de identificação. Mas as coisas se passam desse modo?

Existe um meio de se referir ou nomear uma sensação sem se amparar em critérios notadamente públicos ou sem se voltar para a linguagem aprendida numa comunidade? Se se tem uma sensação, nomeada de ‘S’, quais seriam os critérios para uma futura aparição? A memória? E se alguém se lembra erradamente? Se aceitarmos isso, aceitamos que pensar que se segue uma regra é o mesmo que segui-la. E o critério para se seguir uma regra seria estritamente subjetivo. Mas a crítica que Wittgenstein lança à ideia de uma linguagem privada vai mais a fundo: chamar algo que tenho agora de “sensação” já é utilizar de toda uma gramática pré-fabricada. Mais que impossível, a ideia de que se pode inventar uma linguagem privada é um contrassenso.

Agora podemos falar com Stern que

Um dos principais temas das *Investigações Filosóficas* como um todo é que atos linguísticos explícitos como dar uma definição ostensiva, prover uma explicação verbal do significado de uma palavra, ou interpretar uma regra toma lugar no pano de fundo de uma grande quantidade de habilidades práticas, e que sua significância depende tanto da circunstância particular em que elas tomam lugar, como do contexto mais amplo provido do tecido de nossa vida. (STERN, 2004, p. 177).

Do mesmo modo, práticas como a descrição ou nomeação de uma sensação não podem ser privadas num sentido forte, uma vez em que descrever e nomear são atos instituídos a partir de critérios públicos, dependentes da circunstância particular e do contexto mais amplo²⁶. A gramática que nos permite nomear e descrever sensações, portanto, é estabelecida publicamente, tendo o comportamento expressivo como rocha matriz. Veremos a seguir como essa relação entre comportamento expressivo ou exteriorização e gramática pode se estabelecer.

Comportamento como matéria-prima da linguagem

Wittgenstein, ao falar de jogos de linguagem nas IF, associa tal noção a uma linguagem “primitiva”, não negando inclusive a possibilidade dessas formas primitivas serem encontradas em animais.²⁷ Para compreender com maior clareza a relação entre comportamento e gramática,

²⁶ Ou seja, apesar de poder haver privacidade num sentido fraco, ou seja, posso realizar uma descrição sem que outros saibam, é necessário que outros *possam saber*. Nas palavras de David Pears: “A única conclusão firme que se pode traçar da sua [de Wittgenstein] discussão da linguagem como meio de comunicação é que ela deve ser compartilhável, ainda que não seja compartilhada” (2006, p. 63).

²⁷ IF § 25.

é-nos relevante investigar como uma tal linguagem se assenta em comportamentos primitivos, que podem desenvolver-se em jogos de linguagem mais complexos, como a descrição de sensações e até a manifestação de esperança.

Como palavras se referem a sensações? – Não parece haver qualquer problema aqui; não falamos diariamente de sensações e as nomeamos? Mas como a ligação do nome com a coisa nomeada se estabelece? A questão é a mesma que: como uma pessoa aprende o significado de nomes de sensações? Por exemplo, da palavra “dor”. Aqui está uma possibilidade: as palavras se conectam com expressões primitivas, naturais, da sensação, e usadas no seu lugar. Uma criança se machuca e grita; os adultos, então, falam com ela e lhe ensinam exclamações, e, mais tarde, sentenças. Eles ensinam à criança um novo comportamento-de-dor. “Então você está dizendo que a palavra ‘dor’ na realidade significa gritar?” – Pelo contrário; a expressão verbal da dor substitui o grito, não o descreve.²⁸

Wittgenstein inicia essa seção das IF com um expediente digno de nota: ele desloca o problema sobre como a conexão entre nome e coisa é realizada para o problema acerca de como aprendemos os significados dos nomes. Isso implica em dizer que a relação entre nome e coisa não se dá no vácuo, mas no emprego, e saber como esse emprego é aprendido pelos seres humanos significa saber como tal relação acontece. Feito o deslocamento dessa questão, Wittgenstein apresenta *uma* possibilidade para o processo de nomeação, não de *coisas* em geral, mas de sensações, em específico a *dor*. Tal possibilidade consiste na substituição de uma expressão primitiva ou natural – Wittgenstein emprega como sinônimos – de sensação por determinadas palavras. Aqui, o meio de apresentação da dor é o comportamento que a exterioriza. Por conseguinte, a criança que manifesta a dor instintivamente gritando aprende um novo *comportamento de dor*, que pode ser a emissão vocal “Sinto dores!”. Antes de finalizar, ele ainda se preocupa em rejeitar que tal ocorrência se trate de uma descrição.

Podemos traçar pelo menos duas consequências importantes dessa seção: segundo essa possibilidade de aprendizado, (i) a nomeação de uma sensação é uma atividade pública e precedida por uma *expressão natural* ou *primitiva*; e (ii) a manifestação verbal de dor não é uma descrição, mas um substituto dessa expressão.

A primeira consequência invalida tanto a possibilidade de que possamos nomear uma sensação por conta própria, como a de que se possa aprender a nomeá-la sem antes manifestá-la publicamente. A segunda nos indica que o jogo de linguagem de descrever sensações depende do aprendizado do jogo de linguagem mais fundamental de expressar sensações verbalmente. Em relação a isso, é da mais alta relevância notar que o substantivo para a sensação não é

²⁸ IF § 244.

associado imediatamente a sensação ela mesma, como num ato ostensivo interno, mas ele aparece já incluso numa expressão verbal que toma o lugar da expressão natural.

O ato de substituir uma expressão não-verbal por uma verbal, pressuposto da nomeação de uma sensação, é um modo de inserção nos jogos de linguagem que não pode se dar senão por meio de um adestramento (*Abrichtung*). Este termo, empregado com alguma frequência nas IF, põe em relevo o caráter de treino contínuo que envolve as técnicas linguísticas, cujo domínio jamais se apreende de golpe. Esse adestramento, contudo, possui também um efeito gramatical: a sensação, agora expressa linguisticamente, passa a ser compreensível através das condições de sentido ofertadas pela gramática. Isto é, como exploramos acima, o próprio ato de produzir conhecimento sobre sensações já está submetido a regras gramaticais específicas.

Uma outra passagem de Wittgenstein, desta vez em um escrito posterior, ajuda-nos a esclarecer o estatuto da expressão *primitiva* ou *natural* constitutiva de alguns jogos de linguagem. Nas *Observações sobre filosofia da psicologia* (WITTGENSTEIN, 1988), ao tratar de reações primitivas da dor, ele afirma: “O que, no entanto, a palavra ‘primitivo’ quer dizer aqui? Presumivelmente, que o modo de comportamento é *pré-linguístico*: que o jogo de linguagem é baseado *nele*: que ele é o protótipo de um modo de pensar e não o resultado do pensamento”.²⁹ Essa passagem não pode passar batida após termos visto no TLP a noção de pensamento como elo isomórfico entre linguagem e realidade. O jogo de linguagem não é tomado com a dependência de um ato de pensar, mas de comportamentos primitivos que funcionam como protótipo tanto para o falar como para o pensar. A ênfase é deslocada da relação entre linguagem e pensamento para a relação entre linguagem e comportamento.

Temos aqui que o vínculo entre comportamento e linguagem remonta à própria origem desta nas expressões e reações pré-linguísticas que caracterizam aquele.³⁰ Dizer que estas reações são protótipos de um modo de pensar é também propor um limite para a justificação. Ou seja, as razões para nossos usos linguísticos atingem a rocha matriz que, como diz Schulte, “é a intersecção entre o falar e o agir” (1993, p. 18). Nesse sentido compreendemos a passagem onde Wittgenstein diz que “o instinto vem primeiro, o raciocínio depois. Não há razões até existirem jogos de linguagem”.³¹ Não há justificação para o comportamento, por assim dizer,

²⁹ *Observações sobre filosofia da psicologia* I § 916.

³⁰ Joachim Schulte acrescenta que “nossas reações e formas de comportamento imediatas, naturais, primitivas são expressões *instintivas*. Não existem razões que podemos dar para elas” (1993, p. 20). Peter Hacker reforça que “a origem e forma primitiva do jogo de linguagem é a reação. Apenas dela formas mais complicadas se desenvolvem” (1999, p. 36). Ainda diz que as “formas primitivas de comportamento natural são antecedentes dos nossos jogos de linguagem aprendidos. Aquelas providenciam a rocha matriz comportamental para estes, o estoque sobre o qual manifestações e expressões do mental são enxertadas” (1999, p. 37).

³¹ *Observações sobre filosofia da psicologia* II § 689.

puramente racional. A procura por esses fundamentos acaba na concordância na forma de vida daqueles que se comunicam.

Em suma, a consequência (i), reforçada pelo ALP pode ser melhor compreendida à luz da noção de adestramento. Afinal, este se baseia num comportamento público prévio que, como vimos, se trata das reações pré-linguísticas. Quando manifestam sensações, essas reações podem ser incorporadas à linguagem ao adquirir um substituto verbal, que ainda não possui um estatuto descritivo, mas expressivo, como se destaca em (ii). De modo geral, tais reações formam a base para a inserção nos jogos de linguagem, o que quer dizer que são protótipos de um modo de pensar. No final das contas, a razão só se inicia com a linguagem e a busca por seus fundamentos se esgota na rocha matriz do nosso comportamento natural compartilhado.

Considerações finais

Se pomos, como pusemos, alguma tensão sobre a implantação de jogos de linguagem nas reações primitivas, passamos a querer diferenciar esses jogos “mais fundamentais” de outros “menos fundamentais”, afinal nem todos eles estão assentados diretamente em elementos instintivos – como alguns dos citados no §23 (IF): formar e testar hipóteses, resolver problemas matemáticos etc. Em uma nota de rodapé, Joachim Schulte (1993, p. 18) aponta essa ênfase na distinção entre jogos mais primitivos ou menos primitivos como uma “possível fragilidade inevitável do uso de Wittgenstein de ‘jogos de linguagem’” uma vez que ele “não possui meios à disposição para traçar uma distinção de modo sistemático”.

Apesar de estar contida em Wittgenstein a possibilidade de asserir que os variados jogos de linguagem não se encontram no mesmo nível lógico, uma sistematização de fato não é feita. Todavia, nos dissuadiremos da imagem de fragilidade conceitual se mantivermos em vista que o estilo pouco sistemático dos escritos Wittgensteinianos se explica por uma recusa à defesa de teses, sustentada pela sua concepção de Filosofia como uma atividade tipicamente negativa, de esclarecimento conceitual por meio de descrições gramaticais.³²

Essa atividade de sistematizar o que aparece enquanto descrição ficou a cargo de comentadores de sua obra, como Michel Ter Hark, que faz uma contribuição relevante ao desenvolvimento do nosso trabalho. Ter Hark divide as relações entre conceitos e jogos de linguagem em *horizontais* e *verticais*, sendo as primeiras as relações conceituais no interior de

³² Cf. IF § 124-6.

um jogo e as segundas as relações *entre* os jogos. Todos os conceitos possuem relações do primeiro tipo, mas nem todos do segundo tipo. Segue uma ilustração:

Por exemplo, a expressão ‘sentir dor’ é horizontalmente embutida no jogo de linguagem das sensações (que nesse caso é essencialmente um jogo de linguagem expressivo), e a expressão ‘fingir sentir dores’ é horizontalmente embutida no jogo de linguagem do fingimento, mas o último jogo ele mesmo pressupõe em um sentido vertical o jogo de linguagem ‘sentir dor’. (1990, p. 34).

Com ajuda da contribuição de Ter Hark, podemos imaginar o desenvolvimento vertical de alguns jogos de linguagem sobre aqueles jogos assentados na expressão primitiva. Podemos dizer que o conceito de dor, incluído em um jogo de linguagem expressivo, se relaciona horizontalmente a outros conceitos, como o da sensação, bem como a comportamentos específicos, como gestos e expressões fisionômicas. Tal jogo se encerra num contexto restrito. Contudo, o jogo de fingir dores pode se construir verticalmente sobre o jogo de expressar dores, desse modo, o incluindo num contexto mais amplo. Esse contexto pressupõe que se aprenda a empregar palavras como “ele acredita que tenho dores, mas não tenho”.³³ Do ponto de vista do adestramento, não se pode ensinar uma criança a fingir dores sem antes ensiná-la a expressar sua dor.³⁴

Os jogos que não se relacionam com conceitos expressivos e gestos corporais senão verticalmente possuem um contexto quase inteiramente linguístico. Isso quer dizer que, não podemos dizer ainda se todos, mas muitos dos fenômenos convencionados como psicológicos possuem a linguagem como constitutiva. Ter Hark exemplifica alguns desses casos que, ao contrário do medo, da raiva, da dor, não são identificáveis em seres não-linguísticos, como: “ter expectativa, ter esperança, crer, pensar e tencionar” (TER HARK, 1990, p. 40).

É possível, afinal, dizer que Wittgenstein compreende o comportamento com a matéria-prima da linguagem que, através de sua gramática, organiza o sentido da realização desses comportamentos em cada contexto, formando jogos de linguagem. Os jogos de linguagem que envolvem sensações baseiam-se nos comportamentos primitivos humanos que exprimem ou exteriorizam essas sensações. Todavia, a partir desses jogos de linguagem podem se erigir verticalmente outros jogos que manifestem vivência humanas, como a esperança, mas não possuem um comportamento específico que a caracterize.

³³ Cf. *Últimos escritos sobre a filosofia da psicologia* I § 866.

³⁴ FI II § 363.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUVERESSE, J. *La force de la règle: Wittgenstein et l'invention de la nécessité*. Paris: Les éditions de minuit, 1987.

FORSTER, M. The autonomy of grammar. In: GLOCK, H.; HYMAN, J. (Ed.). *A companion to Wittgenstein*. Chichester: Wiley Blackwell, 2017, p. 269-78. Doi: <https://doi.org/10.1002/9781118884607.ch15>.

GLOCK, H.; HYMAN, J. *A companion to Wittgenstein*. Chichester: Wiley Blackwell, 2017. Doi: <https://doi.org/10.1002/9781118884607>.

HACKER, P. *Wittgenstein on human nature*. Londres: Phoenix, 1999.

PEARS, D. *Platitude and paradox in Wittgenstein's philosophy*. Oxford: Clarendon Press, 2006. Doi: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199247707.001.0001>.

SCHULTE, J. *Experience and expression: Wittgenstein's philosophy of psychology*. Oxford: Clarendon Press, 2003.

STERN, D. *Wittgenstein's philosophical investigations: An introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

TER HARK, M. *Beyond the inner and the outer: Wittgenstein's philosophy of psychology*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1990. Doi: <https://doi.org/10.1007/978-94-009-2089-7>. (Synthese library)

WITTGENSTEIN, L. *Philosophische Untersuchungen/Philosophical investigations*. 4ª ed. Blackwell Publishing, 2009.

_____. *Remarks on the philosophy of psychology*. Vol. I e II. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

_____. *Tractatus logico-philosophicus*. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

_____. *Últimos escritos sobre a filosofia da psicologia*. 2ª ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2014.